

Alexandre Chiaradia Mendes

Fábio Guimarães e Silva

José Roberto Galvão

Tiago Abdalla Teixeira Neto

A ANTROPOLOGIA DO LIVRO DE SALMOS

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	3
2. A ORIGEM DO HOMEM.....	5
2.1 A Criação do Homem.....	5
2.2 O Homem como Adorador.....	7
2.2.1 A fragilidade e a insignificância humana.....	8
2.2.2 A dependência e a busca humana por Deus.....	9
3. A COMPOSIÇÃO HUMANA.....	12
3.1 Composição Tangível.....	13
3.2 Composição Intangível.....	14
3.2.1 לב (<i>leb</i> ; coração).....	15
3.2.2 נפש (<i>nepeš</i> ; alma).....	15
3.2.3 רוח (<i>rûah</i> ; vento, sopro, mente).....	16
3.3 A Unidade do Homem.....	17
4. O DESTINO DO HOMEM.....	18
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	21
BIBLIOGRAFIA CONSULTADA.....	22

1. INTRODUÇÃO

Não é difícil de perceber a atual confusão que existe na ordem do culto de uma sociedade de tradição “ocidental cristã”. As inversões de valores e da centralidade de culto são claras e vêm tomando proporções cada vez maiores na prática cristã de adoração, na ordem de culto a Deus e, conseqüentemente, no relacionamento entre criatura e Criador. Na prática, cristãos confundem suas posições de adoradores e passam a assumir o lugar devido a Deus. É o Humanismo entrando pela porta da frente da Igreja através da pregação antropocêntrica do Pós-Modernismo.

A necessidade de uma compreensão correta do Homem diante da eternidade divina é uma questão de sobrevivência do culto racional e agradável ao Criador do Universo. Portanto, o objetivo do presente trabalho é apresentar os principais conceitos antropológicos contidos no livro de Salmos. O referido livro bíblico inclui, como ingrediente geral a todos os seus capítulos, “pelo menos um elemento de resposta pessoal da parte do crente perante a bondade e a graça de Deus.”¹ É um livro rico em demonstrar, através de diversas formas e temas, as múltiplas facetas do Homem diante do conjunto de características do caráter divino.

De acordo com Hans Walter Wolff, teologia bíblica sadia e louvor a Deus estão intimamente ligadas em uma relação de causa e efeito. Para ele, “a ausência do louvor significa a perda da teologia bíblica ou, mais especificamente, que o Deus de Israel foi

¹ ARCHER, Gleason L.. *Merece Confiança o Antigo Testamento?* 4. ed. São Paulo: Vida Nova, 2004, p. 389

esquecido.”² Compreender quem é o Homem, à luz de um livro destinado à adoração, é o primeiro passo para reordenar os personagens da adoração a Deus: colocar a totalidade do Homem na posição de adorador e Deus, o Único digno de receber toda a honra e toda a glória (Sl 96.4).

Quanto à metodologia de trabalho, foi procurado desenvolver um estudo que levasse em consideração os diversos tipos de salmos (ação de graça, adoração, louvor, lamento, penitencial, imprecatório, etc) e os termos utilizados para fazer referência ao Homem. Cada tipo de salmo revela um aspecto antropológico em resposta a um atributo divino em meio a uma circunstância específica e cada termo de referência ao Homem carrega informações suficientes para uma compreensão correta de seu aspecto de origem, composição e destino.

Portanto, será mostrado que uma antropologia bíblica séria coloca o Homem em uma posição de adorador diante de YAHWEH. Não existe, portanto, uma outra opção bíblica para o homem temente a Deus a não ser a postura de adoração irrestrita e completa, fato que deve reger toda a atividade relacionada ao culto formal e uma vida de contínua adoração a Deus.

² WOLFF, Hans Walter. *Bíblia Antigo Testamento: introdução aos escritos e aos métodos de estudo*. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2003. p. 132

2. A ORIGEM DO HOMEM

É percebido na teologia do Antigo Testamento a concordância geral de que o homem é criado a partir de Deus. Ele é a causa de existência de todo o ser humano. De acordo com Wolff: “Os antropomorfismos robustos acentuam que o homem tem a sua figura e a sua vida de Deus...”³. Tal fato é evidente como a realidade veterotestamentária. Diante disso, torna-se necessário desenvolver uma teologia referente à origem do homem no livro de Salmos, mostrando que realmente ela é compatível com o restante do Antigo Testamento e clara em posicionar o Homem como criatura frágil e dependente de seu Criador.

Os principais tópicos referentes à origem do Homem serão divididos em duas partes. Primeiramente, serão estudados os aspectos referentes ao momento da criação e reconhecimento humano da autoria divina de tudo que o Homem é e representa.

Posteriormente, será levantada a visão do salmista com relação ao propósito de sua existência. Alguns salmos indicam que os autores bíblicos tinham uma clara noção do propósito pelo qual existiam: glorificar a Deus, fazer conhecido Seu nome entre as nações e encontrar nEle razão de significado e felicidade.

2.1 A Criação do Homem

A questão sobre a origem do Homem no livro de Salmos é realçada diversas vezes. Há uma clara percepção da existência de uma causa criadora maior em relação ao ser

³ WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1975. p. 130

humano. Isso é atestado, por exemplo, pelo paralelismo da poesia hebraica no Salmo 102.18. Entre as expressões “geração futura” e “um povo, que há de ser criado”, evidencia-se que por trás de cada geração, há uma fonte de sua existência.

A fonte da qual o Salmo 102.18 faz referência é reconhecida em outros salmos como sendo Deus. Ele é descrito como o “Fabricante”, ou seja, o Criador, Aquele que fez as pessoas que compõem a teocracia judaica (Sl 95.6), e não somente estes, mas todos os homens que habitam a face da Terra (Sl 8.1-5; 89.46,47; 100.3; 149.2).

No que diz respeito a sua vida física, o homem é tão fraco e limitado como as outras criaturas (Sl 49.12-20; 90.5,6; cf. 9.20; 39.4-6,11). Além disso, ele depende tanto quanto elas do sopro de Deus para existir (Sl 104.24-30). Nesse aspecto vale uma observação da análise de Crabtree⁴, que entende que o autor do Salmo 104 se refere, nos versículos 29 e 30, exclusivamente ao homem, quando usa os verbos na terceira pessoa do plural e por isso o ser humano se distingue de toda a criação, pois nele habita o Espírito de Deus que lhe dá vida intelectual, moral e religiosa. Todavia, tal interpretação não se compatibiliza com o contexto de tais versículos, que fala a respeito de toda a criação e enfatiza a grandeza de Deus pela variedade e magnificência de suas obras. Logo, os versículos 29 e 30 não tratam exclusivamente do homem, mais sim inclusivamente dele e, portanto, não é a singularidade do homem o que se está ressaltando, mas sim sua igualdade com as outras criaturas em termos de dependência de Deus.

Entretanto, o ser humano não é visto nos salmos apenas no mesmo nível que o restante da criação. Isso é atestado por Salmo 8.4-8, no qual o salmista alude claramente à criação do homem conforme à imagem de Deus descrita em Gênesis 1.26. A discussão quanto à tradução da palavra אלהים gira em torno da questão se o salmista de fato se refere a anjos ou a Deus.

⁴ CRABTREE, A. R. *Teologia do Antigo Testamento*. 5. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1991. p. 136.

O impasse pode ser solucionado observando o texto e seus paralelos com Gênesis 1.26. Nos dois relatos há a entrega do domínio sobre a criação de Deus para o homem. Somado a isso, é feita a análise da tradução do vocábulo אלהים nas versões da Revista e Atualizada e Nova Versão Internacional. Além do mais, observando seu contexto em outros salmos davídicos, onde a única possibilidade de tradução é a palavra *Deus*. Portanto, confirma-se que o texto de Salmo 8 refere-se a criação do homem conforme a imagem de Deus. G. Ernest Wright⁵ e Charles Ryrie⁶ também mostram-se concordes com tal interpretação.

Sendo assim, o fato do homem ser criado “por um pouco, menor do que Deus” (Sl 8.4-8) implica em entendê-lo como ser espiritual dependente de Deus para encontrar total satisfação e significado (Sl 149.2), o que o caracteriza como um adorador. O conceito será explorado no ponto que se segue, o que demonstra sua fragilidade e seu incessante anseio pelo Criador.

2.2 O Homem como Adorador

Uma vez que o ser humano fora criado por Deus e destinado para Sua adoração, surge uma questão que precisa de uma resposta adequada: “O que faz do homem um adorador?”. Carlos Osvaldo Pinto ajuda a entender Deus biblicamente como “aquele ou aquilo de quem ou que o homem depende para sua subsistência, segurança e significado”⁷. Diante disso, pode-se postular a seguinte afirmação: Adoração envolve a dependência existente entre o

⁵ WRIGHT, Ernest. *The faith of Israel*. Apud SMITH, Ralph L. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2001. p. 229.

⁶ RYRIE, Charles Caldwell. *A Bíblia Anotada*. São Paulo: Mundo Cristão, 1991. p. 763.

⁷ PINTO, Carlos Osvaldo. *Os dez mandamentos: Êxodo 20.3-7* (fita cassete). Atibaia, SP: Palavra da Vida. (Pregações proferidas em capela durante o ano letivo do Seminário Bíblico Palavra da Vida).

adorador e o objeto de sua adoração, em que este é a fonte de suprimento daquilo que o adorador necessita, e por isso o adorador responde, colocando-se dentro da esfera de vida proposta por aquele que é adorado, entendendo que somente dentro de tal esfera encontrará a única e verdadeira subsistência, segurança e significado.

Tal resposta dada por aquele que é dependente se constitui como adoração. Isto revela a fragilidade, dependência do homem e o seu anseio por aquele em quem encontra o suprimento de suas necessidades.

2.2.1 A fragilidade e a insignificância humana

Emil Brunner diz, acertadamente, que em primeiro lugar a palavra bíblica para criação significa que:

Há um abismo intransponível entre o criador e a criatura, em que um estará sempre oposto ao outro em uma relação que jamais poderá ser alterada. Não existe senso maior de distância do que o que há entre as palavras criador-criatura. E essa é a primeira coisa que pode ser dita sobre o ser humano, e é fundamental: ele é criatura.⁸

Dentro da perspectiva teológica do livro de Salmos, a referida afirmação está correta. Isto é visto quando o salmista identifica a fonte de sua existência em Deus, que tem total controle sobre sua vida terrena, dando-a ou tirando-a e determinando o tempo de sua existência (Sl 90.3; 104.29,30; 139.13-16). O homem é tão insignificante que é incapaz de deter a ação de Deus ou fazer algo acima do Seu controle (Sl 10.18). Por sua insignificância diante da grandeza de Deus, a humanidade não é digna da lembrança ou bênçãos de Deus (Sl 8.1-4). Ela também não é digna de receber a confiança relativa ao tamanho de Deus (Sl 56.11); o ser humano é incapaz de esconder os seus pecados de Deus e a efemeridade de sua breve existência se deve à

⁸ BRUNNER, Emil. *Man in revolt*, Apud SMITH, Ralph L. Teologia do Antigo Testamento. São Paulo: Vida Nova, 2001. p. 227.

ira de Deus manifesta contra o pecado de Adão, cuja culpa é imputada sobre todos os homens, que são objetos das conseqüências da ofensa adâmica (Sl 90.7,8).

A pequenez antropológica se demonstra por ser o homem um mero mortal como os outros animais; por isso, qualquer pensamento que não tenha isso em consideração dá a impressão de que a vida terrena é eterna e deve ser entendido como tolice (Sl 49.12,20). O homem também é comparado à relva do campo que floresce, mas logo deixa de existir (Sl 37.2; 90.5; 103.14-16). Assim como toda a criação, a humanidade recebe a vida de Deus e por Ele também é retirada (Sl 104.29,30). Sendo assim, como resultado de sua própria pequena existência, o homem está em uma posição de adorador exclusivo de Deus e somente nEle encontrará significado e felicidade, temas do ponto a seguir.

2.2.2 A dependência e a busca humana por Deus

A dependência do homem diante de Deus se expressa tanto no que diz respeito à sua subsistência quanto para a sua segurança e razão para viver. Todas essas esferas da dependência humana são o que o fazem buscar a Deus e com isso, adorá-IO.

Deus não concede alimento apenas aos animais (Sl 147.9), mas também aos homens. Esta realidade é claramente percebida quando se mostra que Deus é o provedor do sustento humano, agindo por trás dos fenômenos naturais que proporcionam ao ser humano, seu alimento (Sl 104.13-15). Toda a carne depende de Deus para ter alimento. Nisso os salmistas mostram uma relação direta entre Deus e o homem, no que diz respeito àquilo de que este último precisa para sua sobrevivência (Sl 136.25; 145.15,16). YAHWEH é quem controla a comida necessária para a androsubsistência, concedendo ou não o alimento (Sl 105.16,40). Os que temem ao Senhor podem confiar na Sua provisão sem preocupações (Sl 33.18,19; 34.10; 37.19,25; 111.5; 127.3). De forma imensurável, o homem depende da graça de Deus para a sua subsistência.

Algumas das afirmações mais espetaculares declaradas no livro de Salmos são, sem dúvida, aquelas colocadas no Salmo 62. O autor diz: “Só ele é a minha rocha e a minha

salvação ... Somente em Deus, ó minha alma, espera silenciosa ... Só ele é a minha rocha e a minha salvação ... De Deus depende a minha salvação ...” (Sl 62.2, 5-7). Este Salmo mostra claramente que o único meio de se obter segurança genuína é através da confiança no Senhor. Aquele que espera em Deus para a sua proteção não precisa de nenhum outro refúgio (Sl 11.1). O cuidado de Deus para com aqueles que buscam refúgio nEle se dá devido à honra ao Seu próprio nome (Sl 31.1-3). O Senhor não manifesta a Sua proteção apenas a indivíduos, mas também ao Seu povo, guiando-os de maneira segura e livrando-os de seus inimigos (Sl 78.53). A idolatria era cometida quando se colocava a confiança em algo que não fosse o Senhor (Sl 31.6). É feliz aquele que se refugia em YAHWEH, pois Sua bondade garante livramentos (Sl 34.6-8).

No que tange ao significado do homem, sua razão para viver, os salmistas são unânimes em concordar que a única fonte suficiente para a satisfação e descanso da alma humana se encontra em Deus. Se fosse possível sintetizar tudo o que os salmistas falam sobre a completa satisfação da alma humana em Deus, poderia se usar a célebre frase de Agostinho: “Tu nos fizeste para Ti mesmo, e nosso coração não tem descanso enquanto não descansar em Ti”.

Assim como a corça encontra repouso e vida em seu ambiente, assim o homem apenas em Deus encontra repouso e vida (Sl 42.1,2). Um árido deserto necessita e deseja água, o ser humano da mesma maneira acha a verdadeira satisfação para as suas necessidades e anseios em Deus (Sl 63.1). É bom para o homem desfrutar da presença de Deus (Sl 73.28), nem a existência humana usufruindo de tudo o que a vida pode oferecer supera a satisfação de ser objeto da bondade dEle (Sl 63.3). A direção de Deus na vida humana proporciona prazer incomparável com o prazer promovido por qualquer outro ser ou objeto (Sl 73.23-25). Real felicidade é encontrada na presença de Deus (Sl 89.15), que independe das circunstâncias externas (Sl 84.5-7). Diante disso, a conclusão de um dos salmistas só pode ser: “Tu és o meu SENHOR; outro bem não possuo, senão a ti somente” (Sl 16.2). A vida realizada é aquela que busca ao Senhor e encontra prazer em Sua presença.

Finalmente, é inevitável concluir a dependência que o homem tem de Deus. Em sua dependência dEle para o sustento, proteção e significado, o homem responde ao Senhor

depositando toda a sua confiança nEle e buscando-O. “eu, porém, confio no Senhor ... Ó Deus, tu és o meu Deus forte; eu te busco ansiosamente” (Sl 31.4; 63.1). Cumprindo, assim, sua missão de adorador.

3. A COMPOSIÇÃO HUMANA

O mistério da composição humana é tema de debate teológico atual e o foi por grande parte da História da Teologia. Se por um lado a filosofia grega influencia a visão de que o homem é composto de substâncias diferentes e referentes a termos bíblicos distintos, a cultura judaica e as Escrituras parecem enfatizar a união das partes que compõem o homem. Com certeza, o tema pode ser desenvolvido com profundidade e ainda assim suscitar dúvidas aos estudiosos da antropologia bíblica, tanto dicotomistas como tricotomistas que acreditam na separação da composição humana em, respectivamente, duas e três partes.

Ao abordar a questão, Jay E. Adams declara que:

A questão do número de entidades distinguíveis em que o ser humano está composto é importante, mas o foco tem sido sobre a separação dessas, como os termos *dicotomia* e *tricotomia* claramente indicam (as palavras significam, respectivamente, “duplamente-cortado” e “triplamente-cortado”). A ênfase das Escrituras, no entanto, está em cima da unidade de tais entidades. É por isso que prefiro o termo *duplex* (significando “dobrado”). Essa palavra enfatiza a unidade dos elementos (eles são “dobrados” juntos) ao invés de suas separabilidades.”⁹ (Tradução Pessoal)

Assim posto, a composição antropológica vista através do livro de Salmos será estudada debaixo de lentes atentas para a parte tangível e intangível do ser humano. Tal distinção procura preservar a unidade de ambas as partes no homem, conceito que ficará claro no decorrer do estudo das passagens citadas e termos mencionados.

⁹ ADAMS, Jay E. *A Theology of Christian Counseling*. Grand Rapids: Zondervan, 1979. p. 110

Debaixo da parte tangível do homem, encontram-se as partes físicas (externas e internas) do mesmo e, na maioria das vezes, visíveis aos seus semelhantes. A parte intangível refere-se ao centro cognitivo, afetivo e volitivo do ser humano, ou seja, tudo aquilo que não é possível tocar, medir e até mesmo comparar de forma exata. Portanto, os conceitos relacionados à composição humana estarão norteados por tal classificação.

3.1 Composição Tangível

Normalmente, o corpo externo, tangível e visível é a parte de rápida associação dos seres humanos como indivíduos. Quando se trata de identificação humana simbólica, é o corpo humano que assume a posição de representante oficial da forma humana. É constituído basicamente por um formato humanóide e um conjunto orgânico que garante o funcionamento físico do corpo humano.

Um estudo da antropologia de Salmos revela a percepção dos salmistas quanto à composição tangível do corpo em seu relacionamento com o meio de convívio humano, sua parte intangível e até mesmo com Deus.

O termo comumente utilizado com referência à composição tangível do ser humano no livro de Salmos é a palavra hebraica בָּשָׂר (*bāśār*). A palavra é traduzida¹⁰ como “mortal” no Salmo 56.5 e como “homens” no Salmo 65.2. As referências parecem caracterizar a vida humana, em geral, como fraca e caduca em si mesma. Assim, *bāśār* parece não só significar a falta de força da criatura mortal, mas também a sua fraqueza quanto à fidelidade e obediência em face da vontade de Deus. Ou seja, o salmista reconhece sua fragilidade e necessidade de dependência do Criador ao reconhecer a composição física de seu corpo como debilitada e caduca.

¹⁰ Versão Revista e Atualizada (RA)

Os salmistas têm no corpo humano a percepção orgânica de sua composição. Os versículos Salmo 38.11,13,14 mostram a clara noção dos olhos e ouvidos humanos; o Salmo 51.18 mostra os “ossos” como extensão do corpo; e, Salmo 94.9 mais uma vez cita o ouvido e os olhos como meios físicos para interação com Deus, através do reconhecimento da criação divina e Sua soberania.

De forma geral, os membros, as dimensões e a beleza do corpo humano são reconhecidos para fruto da criação divina e constantemente levam os salmistas a uma posição de submissão e adoração a Deus.

3.2 Composição Intangível

O homem é descrito nas Escrituras, inclusive no livro dos Salmos, como um espírito unido a um corpo material e tangível. Porém, permanece o mistério do relacionamento destas duas naturezas, que são distintas entre si no funcionamento do corpo. Nesse ponto, serão abordados os aspectos da composição intangível do homem.

Sabe-se que a alma é a fonte da vida para o corpo e que quando ela o deixa, este falece. A alma é responsável por toda a parte cognitiva, emocional e volitiva do homem. Todas as atitudes e decisões tomadas pelo homem são determinadas e comunicadas à consciência pela alma. Sobre o assunto, Charles Hodge declara que “a alma, portanto, não é mera série de atos; nem é uma forma da vida de Deus nem é mera força destituída de substância, mas uma substância real.”¹¹ A influência da alma sobre o corpo é evidenciada nos sintomas sofridos pelo corpo como resposta ao estado da alma e suas reações às circunstâncias que a cercam.

¹¹ HODGE, Charles. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2001. p. 515

Uma análise atenta do livro dos Salmos identifica três diferentes termos que fazem referência ao que atualmente é classificado como alma, ou seja, a parte intangível, imaterial ou, simplesmente, “homem interior”. São eles:

3.2.1 לֵב (*leb*; coração)

Descreve o entendimento e a mente. Primariamente, o coração é usado para descrever o principal órgão interno do corpo humano, mas de um modo mais abstrato, o coração é um termo bíblico que designa a totalidade dos sentidos não só material, mas imaterial, pois descreve as atitudes espirituais ou internas do homem. O coração é o vocábulo mais usado na literatura bíblica para indicar as atitudes internas humanas. No Salmo 38.8, o salmista descreve um sentimento sofrido pelo coração (*leb*). Mesmo descrevendo-o em sua forma material, implicitamente ele transmite a idéia de um sentimento interno, imaterial e que está conscientemente dentro do físico.

A grande maioria dos 97 usos da palavra “coração” (*leb*) no livro de Salmos refere-se à parte imaterial do homem, que são tradicionalmente ligadas à personalidade representadas pela vontade, emoção e pelo pensamento humanos.

3.2.2 נֶפֶשׁ (*nepeš*; alma)

O termo tem um significado amplo. Pode significar alma, vida, criatura, pessoa, mente e até mesmo apetite. Entretanto, o significado original e concreto da palavra foi provavelmente “respirar.” No Salmo 69.1, *nepeš* aparece no sentido de que alma estava sendo sufocada, precisando de um novo respirar.

Outro significado para *nepeš* está ligado ao apetite e desejo. Em Salmo 78.18, o salmista demonstra que o homem não só tem desejos de satisfazer-se, como também age na intenção de satisfazê-los. Este vocábulo expressa a volitividade espiritual do homem, ou seja, sua vontade de que a justiça e socorro sejam feitos da parte de Deus para ele (Sl 27.12 e 40.4).

O salmista demonstra que *nepeš* significa também o desejo de que Deus o satisfaça em suas necessidades fisiológicas e de segurança, ou seja, necessidades que garantem a subsistência humana. Esta necessidade da alma não fica ligada somente ao material, mas tem seu anseio no espiritual, mais especificamente em Deus. Em muitas passagens os salmistas apresentam esta necessidade do homem com relação à presença de Deus (Sl 42.1,2 e 63.2), que o levará necessariamente a buscar a lei do Senhor, acreditando que ela, a lei-mandamento, o encaminha até Ele (Sl 119.20). Esta necessidade podia ser uma vontade muito forte e ardente que o homem tinha de Deus, que o fazia buscar e esperar por Ele (Sl 130.5).

A salvação é outro aspecto que ocupa o desejo do homem em Salmos. Em momentos de grande aflição que colocavam em risco a própria vida, o homem deseja que Deus se manifestasse como Salvador a ele (Sl 119.81). De uma forma geral, em suas 141 ocorrências no livro de Salmos, a palavra *nepeš* expõe de forma abrangente o caráter essencialmente único da devoção a Deus. Trata-se do homem interior, em sua fragilidade, cumprindo sua relação de dependência com o Criador.

3.2.3 רוּחַ (*rûah*; vento, sopro, mente)

O termo tem 39 ocorrências no livro e carrega em si a idéia tanto de um vento calmo quanto a de um vento de uma tempestade. Também *rûah* pode ter o sentido de respiração dos seres vivos (Sl 104.29). O *rûah* também denota sentimento tanto de tristeza como de surpresa (Sl 77.3,4). O Espírito Santo é descrito também usando o mesmo termos *rûah* (Sl 51.11,13). E por último, a palavra *rûah* transmite a idéia da consciência do espírito (imaterial) do homem (Sl 32.2), mostrando a dualidade do ser humano.

3.3 A Unidade do Homem

Posto os dois itens anteriores, fica difícil não mencionar a ênfase na unidade que os autores de Salmos trabalham. Para eles, de uma forma geral, o tangível não deve ser enfatizado sem o intangível e nem o contrário. O livro coloca a tangibilidade do corpo humano como meio pelo qual existe uma interação do meio em que o salmista vive com a pessoa de Deus e suas circunstâncias cotidianas. No Salmo 26.2, a palavra traduzida¹² como “pensamentos” refere-se ao termo hebraico equivalente a “rins”; קִלְיָאֵ (kilyâ). Isso demonstra por parte do autor uma percepção clara da relação entre o material e o imaterial, do tangível com o intangível.

Outro exemplo de tal relação é o Salmo 73.21. Nesse, são atribuídas às “entranhas”, os rins, o centro dos sentimentos humanos mais sutis. Para os salmistas, parece que não existe uma dicotomia clara entre as duas partes, mas uma interação contínua onde a expressão do intangível é claramente percebida no tangível.

Uma análise atenta no Salmo 63.1,2 mostra o uso em paralelo dos termos *nepeš* e *bāsār* para descrever a totalidade da pessoa. Ao usá-los dessa forma, o salmista parece enfatizar a totalidade da pessoa e não sua separação em partes distintas e sem qualquer relacionamento. Parece evidente a influência que o intangível tem sobre o tangível e vice-versa.

Portanto, ao contrário do debate entre “dicotomia” e “tricotomia” e a caracterização de suas respectivas partes que compõem o ser humano, a antropologia bíblica do livro de Salmos coloca forte ênfase na unidade da composição humana. Isso não quer dizer que o livro nega a existência de diferentes partes, mas sim que não existe qualquer razão para enfatizar a separação em detrimento da unidade.

¹² Versão Revista e Atualizada (RA)

4. O DESTINO DO HOMEM

O homem foi criado com uma composição única e complexa. Foi projetado para a adoração e somente o cumprimento desse propósito o levará a gozar de plena satisfação de significado. Falta agora analisar, à luz do livro de Salmos, seu o destino. No consenso geral, esse ponto encaminha o estudo para a questão da morte e do além.

A questão da morte é algo que ainda causa espanto no ser humano em geral. O homem não está preparado para a morte e parece que nunca estará. Há muito tempo tenta entender sua razão e o caminho que tomará depois dela.

A morte, מוֹת (mûṭ), é definida como o oposto da vida, o cessar da respiração e o fim da vida (Sl 104.29 e 146.4). Para os antigos gregos, a morte significava o fim da atividade humana, o encerramento do período da vida, a destruição da existência humana e o destino mais comum para o homem. Salmos 39.13 e 146.4 demonstram que a morte é a última instância da existência do homem no mundo, juntamente com o sentimento de nunca mais retornar a esta forma de vida. Em termos gerais, é o que marca o fim da dádiva de Deus, a vida. Também era metafórica e comumente usada no Antigo Testamento para descrever a morte intelectual e espiritual do homem.

Quando o salmista chama a atenção para a questão da morte (Sl 6.5) ao apontar como ela impediria sua adoração a Deus, Davi não negligencia uma consciência após a morte, mas coloca a vida terrena como meio de apontar para a glória a Deus. Parece que o homem não tem outra opção senão conformar-se com a morte. Somente Deus pode permitir ao homem uma vida mais longa na Terra, Ele controla o processo de nascimento (Sl 103.13-16)

bem como o da morte (Sl 31.15). Quando a vida é prolongada, há grande motivo de agradecimento a Deus (Sl 91.16). Porém, a morte é algo que entrou na história humana, que cerca seu caminho (Sl 116.3,8) e o faz retornar a sua forma primária, o pó.

O sentimento irreversível da iminência da morte cria no homem um desejo de aproveitar a vida ao máximo. Portanto, não é por acaso que no mundo antigo entre os gregos e romanos era comum a expressão “comamos e bebamos, porque amanhã morreremos”, máxima posteriormente citada por Paulo. Trata-se de um sentimento que ao mesmo tempo que assusta, estimula o homem a aproveitar os prazeres que o mundo dos vivos oferece.

Para o Israel antigo, a concepção de morte é de certa forma mais profunda quando comparada à atualidade. A expressão “morte” aparece mais de 1.000 vezes no Antigo Testamento, 200 vezes a mais que a palavra “viver” e é usada em três principais campos semânticos, de acordo com Lloyd Bailey¹³:

- i) Como metáfora de tudo que desvia da vontade planejada por Deus;
- ii) Como o “poder” oposto à ordem criada;
- iii) Como o fim biológico da existência humana.

O primeiro ponto não se relaciona necessariamente à morte física. A experiência da doença e a depressão gerada por ela já eram motivos suficientes para levar o homem a clamar a Deus. Esse estado era considerado como a própria morte. Já o segundo e o terceiro pontos apresentam a morte como algo que contrapõem-se à ordem da criação.

Em termos biológicos, os salmistas refletem a mortalidade do homem e também dos animais (Sl 39.4-6; 49.10-12; 88.3-7,15; 90.3-6). Colocam ambos na categoria de

¹³ BAILEY, Lloyd R. *Biblical Perspectives of Death*. Apud SMITH, Ralph L. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2001. p. 359.

mortais, onde a diferença está no fato de que o homem é ciente da aproximação da morte. O que ele não sabe é a hora, o lugar e as circunstâncias da mesma.

A morte vem para todos os homens, tanto ricos como pobres, velhos como novos, justos e injustos. Segundo o salmista, todos têm naturalmente que passar por ela (Sl 49.10; 89.48), não há parcialidade quanto a quem irá morrer, pois é fato que todos morrerão, salvo apenas os casos especiais de intervenção divina.

Então, o grande questionamento que fica é para onde o homem vai depois de sua morte. De uma forma geral, o Antigo Testamento é unânime em mostrar que o destino do morto é um lugar chamado Sheol, que ora é traduzido por túmulo, ora por inferno. No entanto, não se tem uma definição certa para a palavra. Algumas passagens dos Salmos parecem colocá-lo no centro da Terra (Sl 18.4,5; 49.14; 86.13; 89.48) outras como o lugar mais distante do céu (Sl 139.8 e 16.10). De qualquer forma, era considerado como um lugar onde não há volta (Sl 49.14), para onde algumas pessoas descem vivas (Sl 55.15), onde todos vão quando morrer (Sl 89.48), como um lugar de esquecimento (Sl 6.5) e onde não há louvor ao Senhor (Sl 6.5).

Diante da questão do além morte e suas implicações, nota-se uma grande variedade de citações nos Salmos que podem fazer alusão à ressurreição, conceito que era o centro da visão do pós-morte: 1.6; 16.10; 17.15; 49.15; 71.20; 73.24; 88.10. Ainda que de forma limitada, algumas passagens parecem indicar que os salmistas tinham alguma noção da ressurreição e a esperança de uma vida eterna. Mesmo limitada, tal noção era suficiente para dar a eles uma idéia dos Céus ou pelo menos de vida eterna com Deus, conforme as palavras de Davi.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A figura que se constrói do homem a partir da análise dos pontos expostos é de uma criatura frágil, dependente, finita e cuja composição clama por um relacionamento com seu Criador. O salmista está longe de centralizar qualquer esforço de adoração em sua própria individualidade caduca. Em contraste com a triste realidade de seu estado, o próprio livro de Salmos deixa clara a posição elevada do Criador. Coloca-o como o único capaz de dar significado à efêmera existência humana e satisfazer os mais profundos anseios da alma.

Nota-se dentro de tal concepção, que o homem é um ser frágil que não tem controle de seu destino, nem de sua origem e subsistência. É imerecedor do cuidado de Deus e sua vida é tão breve como a de toda a criação. Como diria o salmista, Deus o arrasta “na torrente, são como um sono, como a relva que floresce de madrugada: de madrugada viceja e floresce; a tarde murcha e seca” (Sl 90.5,6). E assim, o homem se constitui um adorador de Javé quando reconhece sua dependência dEle e O busca como a fonte de sua felicidade espiritual.

Portanto, a inversão atual da ordem de culto é fruto de um sério erro teórico e prático de quem é o homem e de quem é Deus. Um problema teológico de implicações práticas. A Igreja brasileira (e mundial) precisa compreender sua posição diante do Criador dos Céus e da Terra, arrepender-se da prática antropocêntrica de adoração e cumprir a máxima repetida inúmeras vezes no livro de Salmos: “todo o ser que respira louve o Senhor, ALELUIA!” (Sl 150.6).

BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

- ADAMS, Jay E. *A Theology of Christian Counseling*. Grand Rapids: Zondervan, 1979.
- ARCHER, Gleason L. *Merece Confiança o Antigo Testamento?* 4. ed. São Paulo: Vida Nova, 2004.
- BÍBLIA ONLINE módulo avançado (CD-ROM). Brasil: SBB, 2002.
- CRABTREE, A. R. *Teologia do Antigo Testamento*. 5. ed. Rio de Janeiro: JUERP, 1991.
- HARRIS, R. Laird, ARCHER, Gleason L. Jr., WALTKE, Bruce K. *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998.
- HODGE, Charles. *Teologia Sistemática*. São Paulo: Hagnos, 2001.
- KIDNER, Derek. *Salmos 1-72*. 2. ed. São Paulo: Vida Nova, 1981.
- _____. *Salmos 73-150*. São Paulo: Vida Nova, 1981.
- RYRIE, Charles Caldwell. *A Bíblia Anotada*. São Paulo: Mundo Cristão, 1991.
- SMITH, Ralph L. *Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2001.
- WALTON, John H. *O Antigo Testamento em quadros*. São Paulo: Vida, 2001.
- WOLFF, Hans Walter. *Antropologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1975.
- _____. *Bíblia Antigo Testamento: introdução aos escritos e aos métodos de estudo*. 3 ed. São Paulo: Paulus, 2003.